



Escola de Samba Unidos do Roçado de Dentro: Uma Tradição Inventada?¹

Beatriz JUCÁ²

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

RESUMO

Este artigo aborda a interação entre as culturas popular e massiva ao passo que questiona a negociação entre as classes como forma de integração social e de uma reformulação de comunidades semióticas. Para isso, é feita uma análise do processo de fomentação e consolidação das tradições inventadas com o surgimento da Escola de Samba Unidos do Roçado de Dentro, em Várzea Alegre-CE, na qual as tradições populares (subalternas) coexistem com as hegemônicas, culminando com a ressignificação e a produção de novos bens simbólicos no município. Para a análise proposta, utilizaremos Canclini (2008), Barbero (2001) e Gilmar de Carvalho (2003).

PALAVRAS-CHAVE: Cultura Popular. Comunicação. Tradição.

Introdução

O sítio Roçado de Dentro é uma localidade do município de Várzea Alegre na qual residiam jovens trabalhadores rurais que revelavam talento para a música e gosto pelo divertimento através de cantorias e danças nas casas de amigos e vizinhos. Em meados de fevereiro de 1963, empolgados pelo bom inverno e embalados pelas marchinhas de sucesso da época ouvidas pelo rádio a pilha, como “Pó de Mico”, “O Quartel” e “A Caneca”, saíram em bloco pelas estradas e, aos poucos, foram se aproximando da sede do município de Várzea Alegre. A influência musical era do frevo de Recife e do Maracatu de Fortaleza, ritmos incorporados nos desfiles.

Embora apresentassem receio com relação à reação do público urbano, adentraram pelas ruas da cidade, pintados com carvão e usando máscaras de papelão e chapéus velhos. Alguns transportavam galhos de plantas como alegoria. Ao invés de repúdio, o grupo de rurícolas recebia a adesão da população urbana a cada rua que passava, sendo acompanhado no cortejo por um número de pessoas cada vez maior.

Não há registros de festas carnavalescas de rua nas cidades vizinhas a Várzea Alegre até o ano de 1963. No próprio município, a festividade do carnaval acontecia em

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da UFC, email: beatrizjuca@gmail.com



clubes, e é a iniciativa do bloco Roçado de Dentro que “transforma” o carnaval varzealegrense, levando-o para as ruas.

Na década de 80, apesar de ter apenas quinze componentes na bateria, o bloco já apresentava uma organização consolidada, passando a denominar-se Escola de Samba Unidos do Roçado de Dentro (ESURD). Foi formada, então, a sua primeira diretoria, com os cargos de presidente, vice-presidente, secretário, tesoureiro e diretor de bateria.

Em 2001, inicia-se a construção da sede própria, e a Escola passa a contar com o apoio financeiro da comunidade para sua sustentação. A ESURD, aos 39 anos, contava com uma razoável estrutura e organização. O desfile possuía cerca de 60 componentes na bateria, além de rainha, ala das baianas, ala das crianças, ala das mulheres, velha guarda, dois casais de porta-bandeira e mestre-sala (mirim e adulto), além de bandeira com simbologia e estandarte.

Hoje, a Escola de Samba Unidos do Roçado de Dentro é mantida pelos descendentes de seus fundadores através da realização de campanhas mensais para arrecadação de dinheiro e movimenta o carnaval varzealegrense. A população urbana acompanha a ESURD e cria uma relação capaz de ressignificar o imaginário popular do município.

O que pretendemos neste trabalho é discutir as possíveis negociações entre diferentes classes sociais e culturais no processo de consolidação de uma prática cultural híbrida, na qual coexistem o modelo de Escola de Samba, representativo da cultura de massa, e a cultura popular. Após uma contextualização sobre o estímulo ao modelo de escolas de samba em todo o país pela Ditadura Militar no final da década de 60 e no início da década de 70, levantaremos questões sobre o processo de reinvenções das tradições e de novas comunidades semióticas ao passo que refutamos uma visão romantizada do folclore.

Para isso, admitimos a visão de Barbeiro (2001) em seus estudos da recepção enquanto um espaço não só de absorção, mas de produção de sentidos. Visualizamos no massivo uma forma de sociabilidade, mas devemos levantar questões sobre os parâmetros que abrangem essa sociabilidade e suas características. Admitimos também uma definição mais antropológica de “cultura popular” que abrange “todas as coisas que ‘o povo’ faz ou fez”, além dos valores e dos costumes do povo.

1. Escolas de Samba via satélite



A Ditadura Militar brasileira, fundada sob a égide da Doutrina de Segurança Nacional, atribuía a si mesma uma vocação revolucionária destinada a modificar o *status quo*. Assim,

A nova autoridade se considera autodatada (...), dona de um poder suficiente para eliminar os fatores adversos que perturbem a ordem, e para adotar medidas visando assegurar e consolidar o movimento *revolucionário* e impor seus objetivos. (BORGES, 2003, p.49)

Em meio às ações de violência física e censuras, o regime militar leva a cabo políticas de controle social, sob a alcunha de incentivo à cultura. Foi então que o modelo de escolas de samba foi estimulado com o intuito de padronizar para melhor controlar. Nesse período – a década de 1960 e 1970 – a integração do país através de transmissões televisivas via satélite também contribuiu para que os centros hegemônicos conferissem maior poder, deixando o imaginário sob controle.

A TV Brasileira entra nos anos 70 sob regras impostas pelo governo militar: é a fase da censura prévia ao conteúdo de programas de todos os gêneros. (...) É ainda na década de 70 que a televisão brasileira passa por uma mudança importante. As emissoras criam a programação nacional – uma mesma programação (inclusive faixas de horário) para a emissora-sede e todas as outras que pertencem a sua rede. Definia-se então a penetração dos padrões do eixo Rio-São-Paulo em todo o país, uma vez que as sedes das redes se concentravam nessas cidades. (PATERNOSTRO, 1999, p.32)

Começam as transmissões nacionais dos desfiles das escolas de samba, feitas primeiramente pela TV Continental já em 1960, através de flashes. É nesse contexto que surge em Fortaleza o bloco Vaçôra Xuja, que mais tarde se tornaria uma das principais escolas de samba da cidade: a Espalha Brasa. A história dessa escola em Fortaleza assemelha-se à do Roçado de Dentro, em Várzea Alegre, em relação ao seu processo de formação – surge pelo divertimento, mantém ritmos antigos e sofre forte influência das marchinhas de carnaval disseminadas pelo rádio. As fantasias no início de ambas as Escolas de Samba demonstram claramente a influência militar, tendo em vista que eram compostas por uniformes, capacetes e quepes. A disposição em filas indianas rigorosas faz, também, uma alusão a tal influência. O que diferenciará o Roçado de Dentro da Espalha Brasa é a manutenção das tradições locais em uma coexistência relativamente pacífica com o novo modelo cultural incorporado. Sérgio Pires, em seu livro-reportagem sobre a Espalha Brasa, revela:

A escola tem pressa em eliminar suas raízes, esquecer a folia boêmia e logo substitui as animadas mocinhas e os divertidos mocinhos pelas novas damas da Corte Imperial, belas e bem vestidas jovens da classe média, dançando com seus longos vestidos de baile. E Ângela



Gadelha, irmã de Descartes [um dos fundadores do bloco] encabeçou a *invasão*. Tinha a seu favor uma atenuante: ao contrário das outras damas, dos servos e das floristas, sabia ditar o samba na boca e no pé e se notabilizou como abre-alas, a jovem que, à frente do estandarte, abria o desfile das escolas, em Fortaleza. (PIRES, 2004, p.34)

O período de ascensão das escolas de samba em Fortaleza culminou um declínio do Maracatu, principal manifestação cultural local na década de 60. No Roçado de Dentro, a influência da cultura massiva e da indústria cultural ocorreu em menor proporção, tendo em vista as dificuldades no acesso aos meios de comunicação de massa, principalmente a TV. O que acontece na ESURD até hoje é a utilização das tradições locais - dentre elas, maneiro pau, caretas, forró de São João – para estimular e garantir a continuidade da Escola de Samba Unidos do Roçado de Dentro, proporcionando o apoio financeiro através da realização das campanhas e o elo de identificação com a nova manifestação cultural.

2. O popular a partir do massivo

Barbero (2001) coloca que o popular se transforma simplesmente com o surgimento de massas urbanas, e aqui ele não se refere aos meios de massificação, mas à própria massificação estrutural das cidades. O autor argumenta a necessidade de se desromantizar o popular do ponto de vista de sua “exterioridade resguardada”:

O massivo, nesta sociedade, não é um mecanismo isolável, ou um aspecto, mas uma nova forma de sociabilidade. São de massa o sistema educativo, as formas de representação e participação política, a organização das práticas religiosas, os modelos de consumo e os usos do espaço. Assim, pensar o popular a partir do massivo não significa, ao menos não automaticamente, alienação e manipulação, e sim novas condições de existência e luta, um novo modo de funcionamento da hegemonia. (BARBERO, 2001, p. 311)

Esta relação entre o massivo e o popular pode ser claramente analisada na Escola de Samba Unidos do Roçado de Dentro. As próprias manifestações populares consideradas “autênticas” revelam mudanças ao longo do tempo e já não são cópias fiéis passadas por várias gerações. Nesse processo de atualização, pode-se dizer que as mudanças estão relacionadas às transformações sociais e políticas locais. Um exemplo disso é a incorporação de crianças e mulheres nas atividades culturais da comunidade do sítio Roçado de Dentro, que modificaram a forma deles se manifestarem. Canclini (2008) ressalta essa idéia ao comentar que se analisarmos o folclore, as indústrias culturais e o populismo político (considerados por ele os três protagonistas que levaram o popular à teatralização), veremos o popular como algo mais construído do que como



preexistente. Canclini (2008) justifica suas críticas à visão romantizada do folclore ao afirmar que nela o povo é resgatado, mas não é conhecido.

Ao decidir que a especificidade da cultura popular reside em sua fidelidade ao passado rural, tornam-se cegos às mudanças que a definiriam nas sociedades industriais e urbanas. Ao atribuir-lhe uma autonomia imaginada, suprimem a possibilidade de explicar o popular pelas interações que tem com a cultura hegemônica. (CANCLINI, 2008, p. 210)

O que percebemos na Escola de Samba Unidos do Roçado de Dentro é uma ativação do popular pelo massivo. Em 1963, ano de surgimento da ESURD, as canções incorporadas pelo rádio para a iniciação do bloco de carnaval foram apropriadas, mas as manifestações culturais musicais antigas foram incorporadas a elas. As marchinhas de carnaval coexistiam na expressão cultural do bloco junto com o forró, prática local, e com o frevo, que havia sido anteriormente incorporado por conta da proximidade geográfica a Pernambuco, que fazia de Recife o local predominantemente escolhido pelos jovens varzealegrenses para adquirir ensino superior na década de 60. Barbero (2001) explica que:

A cultura massiva não ocupa uma e somente uma posição no sistema das classes sociais, mas no próprio interior dessa cultura coexistem produtos heterogêneos, alguns que correspondem à lógica do expediente cultural dominante, outros que correspondem às demandas simbólicas do espaço cultural dominado. (BARBERO, 2001, p.312)

É importante ressaltar aqui que não estamos falando simplesmente de uma relação de dominação definida por uma cultura hegemônica a outra subalterna, colocando-as como influências acatadas pelas classes populares. É justamente numa cultura híbrida que está inserido o grupo do Roçado de Dentro. O que se pretende aqui é fragmentá-la a fim de construir, como defende Canclini (2008), uma perspectiva de análise do tradicional e do popular a partir das interações desse grupo com as elites e a indústria cultural. Para isso, utilizaremos as características do carnaval brasileiro apontadas por Canclini (2008) como forma de explicar a incorporação do modelo de escola de samba em alusão às hibridizações culturais que já estavam sendo processadas através dos meios de comunicação de massa e a possibilidade de adquirir uma relação mais livre com as convenções herdadas.

No carnaval brasileiro, são invertidas as ordens tradicionais de uma sociedade em que a intersecção de negros e brancos, etnias antigas e grupos modernos pretendem resolver-se mediante hierarquias severas: troca-se a noite pelo dia, os homens se fantasiam de mulher,



os ignorantes, os negros, os trabalhadores aparecem “mostrando o prazer de viver atualizado no canto, na dança, no samba”. (CANCLINI, 2008, p.221)

O carnaval pode ser considerado, então, uma forma simbólica de reproduzir o conhecido e o que seria “autêntico”, ao mesmo tempo em que novos elementos são incorporados com o intuito de atualizar a percepção de si mesmo e do mundo. Segundo Canclini (2008), outro objetivo que poderia ser interpretado seria a redução do caráter opressivo de dominações centenárias.

Para a comunidade do Roçado de Dentro, a ESURD faz parte de sua história e tradição. É nessa prática cultural local especificamente que percebemos claramente a influência dos meios de comunicação de massa e da indústria cultural. Um marco que torna esse ponto bastante visível é quando surgem os aparelhos televisivos no Roçado de Dentro, visto que há uma potencialização da imagem refletida na ESURD através de uma maior preocupação com as fantasias, as alas e o modo de se mostrar em geral. Mesmo quando se torna pessoa jurídica, através da criação de uma associação, e revela organização em relação a cargos e a dinheiro, a Escola de Samba Unidos do Roçado de Dentro continua preservando os símbolos socializados responsáveis pela conexão entre a prática cultural e a população.

De 1963 até hoje, durante o carnaval varzealegrense, as populações rurais e urbanas do município emergem em um conceito de Jorge González que é apontado por Barbero (2001): o de *frente cultural*. Nele, González visualiza um espaço de encontro entre diversas classes sociais que compartilham significantes e lutam por e a partir de significados diferentes para dotar a festa de sentido. A luta aqui não se refere às relações de dominação, mas serve para ressaltar valores em virtude de um projeto de legitimidade cultural. O carnaval, assim como a feira mexicana estudada por Jorge González, não surge como um processo de degradação do festivo pelo comercial, mas em torno da constituição de identidades coletivas locais mais abrangentes.

Concordamos com Canclini (2008) quando afirma que a reprodução das tradições não exige fechar-se à modernização. No caso que estamos analisando, a comunidade do Roçado de Dentro faz a manifestação híbrida através da escola de samba, mas continua desenvolvendo suas tradições culturais locais. A entrevista com a subsecretária de cultura de Várzea Alegre e integrante do grupo cultural analisado, Dayse Diniz, esclarece isso no seguinte trecho:

O Sítio do Roçado de Dentro tem uma tradição musical, tanto de percussão como de vozes, sanfona, bandas de música. Então,



considero o Roçado de Dentro o berço da nossa cultura. É o celeiro da cultura de Várzea Alegre porque lá não tem só carnaval, tem maneiro-pau, reisado, banda cabaçal. Toda a cultura de Várzea Alegre está lá. Isso devido aos nossos ancestrais que viveram lá. O primeiro maestro da banda de música de Várzea Alegre era de lá. O primeiro sanfoneiro também foi de lá, a primeira escola de samba. Então a gente considera o berço da cultura de Várzea Alegre. (Entrevista com Dayse Diniz, fevereiro de 2009)

Além disso, há no Roçado de Dentro uma utilização das práticas culturais tradicionais para fortalecer a cultura carnavalesca incorporada por meio da indústria cultural. Durante todo o ano, são realizadas campanhas com o intuito de se arrecadar dinheiro para os gastos com a Escola da Samba Unidos do Roçado de Dentro. No período da semana santa, os participantes incorporam penitentes. Em junho, o tradicional forró anima as tradições juninas do Nordeste. São realizadas também gincanas onde disputas femininas e masculinas estimulam a continuação de tradições como maneiro-pau e bandas cabaçais. Embora haja um interesse econômico propiciado pela preocupação com a imagem através da televisão, essas atividades reconstróem elos de identificação à medida que incorporam as expressões populares e ainda a atualizam. Canclini (2008) mostra que:

A reelaboração heterodoxa – mas autogestiva – das tradições pode ser fonte simultânea de prosperidade econômica e reafirmação simbólica. Nem a modernização exige abolir as tradições, nem o destino fatal dos grupos tradicionais é ficar de fora da modernidade. (CANCLINI, 2008, p. 239)

Assim, as culturas popular e massiva coexistem no Roçado de Dentro, se completando e proporcionando não só a ressignificação de símbolos, mas a incorporação de novas tradições.

3. Reinvenção das Tradições

Flávia Marreiro (2003), citando Eric Hobsbawn, conceitua “tradições inventadas” como um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas e de natureza ritual ou simbólica, que objetivam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, implicando, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. A invenção de uma tradição se dá, portanto, como um processo repetitivo de formalização e ritualização de atitudes convencionais. Seus elementos, que são tornados rotineiros, ganham novos significados à medida que a tradição recombina ganha espaço.



O aspecto final [da tradição inventada] é a relação entre “invenção” e “geração espontânea”, planejamento e surgimento. É algo que sempre intriga os observadores das sociedades de massa moderna, as tradições inventadas têm funções políticas e sociais importantes, e não poderiam ter nascido, nem se formado, se não pudessem adquirir algum tipo de legitimação na história (HOBSBAWN; RANGER, 1997, p.315).

Utilizaremos esse conceito de tradição inventada como referência para analisar aspectos da própria criação da ESURD, de elementos incorporados a ela, como o samba, e da criação de novos bens simbólicos, como a simbologia do sino da igreja a ser discutida mais a frente. O surgimento do bloco do Roçado de Dentro ocorreu com o intuito principal de divertimento popular. A principal influência nesse processo encontra no rádio sua disseminação: marchinhas de carnaval da década de 60. Ainda apresentando influência da indústria cultural em seus primórdios, o bloco do Roçado de Dentro manteve sua tradição musical através do forró. Entretanto, antes mesmo do surgimento do bloco, aquela comunidade já revelava uma incorporação de tradições pernambucanas como o frevo, característica que já refutaria seu “isolamento cultural”. Concordamos com Stuart Hall (2003) quando admite que, de fato, as indústrias culturais têm o poder de remodelar as culturas dominadas, invadindo e retrabalhando contradições internas dos sentimentos e percepções. Elas encontram ou abrem um espaço de reconhecimento naqueles que a elas respondem.

No entanto, para prosseguirmos essa discussão, é preciso considerar a complexidade das relações culturais. O próprio Barbero (2001) ressalta que não há hegemonia sem a circulação cultural. A história da ESURD revela que seus principais fundadores transitavam pela cultura de massa (através do rádio) e pela cultura da zona urbana – que tomamos como hegemônica em relação à rural – através do próprio carnaval de clubes no início dos anos 60. Esse contato conferia a eles um cruzamento de referências contraditórias crucial para o rumo do desenvolvimento cultural dentro da Escola de Samba Unidos do Roçado de Dentro. Com o surgimento da ESURD, há uma atualização do manifestar-se que incorpora essas influências, abrindo espaço para uma reelaboração da identidade adaptada à pluralidade desses cruzamentos. Então, consideramos a cultura de massa mediadora de um processo cultural que integra populações rurais e urbanas em Várzea Alegre e mascara suas contradições e seus conflitos.

Os dispositivos da mediação de massa acham-se assim ligados estruturalmente aos movimentos no âmbito da legitimidade que articula a cultura: uma sociabilidade que realiza de forma mercantil

na materialidade tecnológica da fábrica e do jornal, e uma mediação que encobre o conflito entre as classes produzindo sua resolução no imaginário, assegurando assim o consentimento ativo dos dominados. Essa mediação e esse consentimento, no entanto, só foram historicamente possíveis na medida em que a cultura de massa foi constituída acionando e deformando ao mesmo tempo sinais de identidade da antiga cultura popular e integrando ao mercado as novas demandas das massas. (BARBERO, 2001, p. 175)

Cabe aqui a discussão proposta por Canclini (1995) sobre a negociação da identidade nas classes populares em âmbito transnacional de modo que seja adaptada a um panorama menor, que englobe apenas a região do município de Várzea Alegre. Entendemos que há um questionamento em torno da possibilidade dessas negociações, mas buscaremos reconhecê-las na constituição da nova identidade a partir da Escola de Samba Unidos do Roçado de Dentro. Segundo Canclini (1995), “as políticas que reconhecem um papel importante à negociação se sustentam no papel constitutivo das interações no desenvolvimento das culturas” (CANCLINI, 1995, p.198). Ilustraremos este pensamento através do estudo sobre a transição do forró e do frevo para o samba no Bloco do Roçado de Dentro, que ocorreu através de um processo claro de negociação. Os instrumentos e a idéia de incorporar o samba foram levados ao Roçado de Dentro, na década de 1970, pelo varzealegrense Luiz Bitu, que já havia morado em São Paulo, onde participou de rodas de samba.

Os instrumentos foram adquiridos pelo Leo Clube aqui de Várzea Alegre. Nós fundamos o Leo aqui e compramos uma batucada em Iguatu [cidade próxima a Várzea Alegre e mais desenvolvida economicamente], aí a gente ficou fazendo uns sambinhas por aqui. Daí houve um desinteresse, muita gente também foi embora para São Paulo e Fortaleza. Então os instrumentos ficaram aí, e eu tive a idéia de levá-los para o Roçado de Dentro já com a idéia de criar a Escola de Samba. Porque eles eram agricultores ordeiros e seria mais fácil de a gente ter um controle nos ensaios. Eles saíam na rua, mas era tocando frevo. (...) Os mais velhos não aceitaram a idéia a princípio, porque já tinham a tradição do forró e do frevo. Mas Mestre Tim sempre foi um cara educado, e ele foi ser o maestro e acatou a idéia. (Entrevista com Luiz Bitu, fevereiro de 2009).

A adoção da modernidade não significa a exclusão das antigas tradições. Stuart Hall (2003) explica que “ela própria não conseguiria sobreviver sem preservar um pouco de suas raízes vernáculas – no ‘popular’. Ela não iria longe se não fosse capaz de remodelar os elementos populares” (HALL, 2003, p.239). Antes de tratarmos sobre a remodelação dos elementos simbólicos em Várzea Alegre, é preciso ressaltar que os produtos culturais da interação entre a população urbana e rural de Várzea Alegre não



reduzem a opressão da qual sofrem os rurícolas. O que há é uma “aceitação” e “solução” dos problemas a partir de limites estabelecidos pelas classes dominantes.

Ao contrário das análises de Friedrich Barth e R.C. Harman, que vêem as interações dentro de relações em que predomina a reciprocidade, a escolha de vias intermediárias de negociação, assumidas como próprias pelos grupos populares, expressa também as suas dificuldades em sair de uma condição de opressão. (CANCLINI, 2008, p.199)

Acreditamos que as relações de poder pontuam uma dialética cultural quando colocam a cultura popular em tensão contínua com a cultura hegemônica. Esse domínio faz da cultura um campo variável, onde valores culturais são elevados e reduzidos o tempo todo. Compartilhamos com Stuart Hall (2003) que a preocupação aqui não é com a “autenticidade” da cultura popular, mas com o processo do jogo das relações culturais. E aqui vemos a reformulação de uma comunidade semiótica, na qual diferentes classes socializam os mesmos símbolos ideológicos.

Como exemplo dessa comunidade semiótica em Várzea Alegre, podemos citar a simbologia relativa ao sino da igreja. O sino já era utilizado na zona urbana como meio de se informar as horas e de realizar chamadas para missas. Com a hibridização do carnaval de clube varzealegrense com o bloco de rua do Roçado de Dentro, os “dizeres” sonoros, que já faziam parte do imaginário rurícola, incorporam o urbano. Assim, socializa-se nas zonas rurais e urbanas que caso o sino soasse em determinada hora, o significado compartilhado era “me dê um tostão para comprar pão para João”¹. Além disso, podemos citar uma negociação ocorrida em relação ao trajeto do desfile da ESURD, pois também foi socializado entre as duas zonas que fazer uma comemoração festiva em frente à casa do coveiro poderia trazer má sorte e até causar morte de algum folião. Daí o fato de o trajeto do desfile não poder passar pela “esquina de Zé Bitu”.

Os elementos da “tradição” não só podem ser reorganizados para se articular a diferentes práticas e posições e adquirir um novo significado e relevância. Com frequência, também, a luta cultural surge mais intensamente naquele ponto onde tradições distintas e antagônicas se encontram e se cruzam. Elas procuram destacar uma forma cultural de sua inserção em uma tradição, conferindo-lhe uma nova ressonância ou valência cultural. (STUART HALL, 2003, p. 244)

Ismael de Andrade Pordeus (2003) ressalta as acepções da palavra cultura ao sistema coletivo de símbolos, signos e significações próprias às várias sociedades se-

1. Tal expressão passou a significar o horário de comprar pão na cidade.



gundo modalidades diversas de integração. É justamente a nova articulação dos símbolos e dos rituais através desse sistema coletivo que relaciona as “tradições inventadas”. Esse pensamento fica claro ao tomarmos o primeiro desfile do bloco do Roçado de Dentro em 1963. Neste ano, cerca de dezoito homens saíram pelas estradas rumo à zona urbana pintados com carvão e utilizando folhas grudadas ao corpo como alegoria. Os trajes significavam um disfarce para que não fossem reconhecidos em caso de não aceitação na cidade. Havia medo até de ser preso, e o álcool (cachaça) já era utilizado como forma de justificar uma atitude desconectada à imagem dos rurícolas. Joaquim Diniz, membro da “alta sociedade” de Várzea Alegre, convida o bloco para fazer um segundo desfile no mesmo ano e o reabastece com cachaça e elogios. A partir disso, cria-se na casa de Joaquim Diniz a simbologia da aceitação urbana e da possível e conflituosa integração. Ainda hoje, com todas as transformações culturais, a Escola de Samba Unidos do Roçado de Dentro finaliza seu desfile em frente à casa de Joaquim Diniz, fato que podemos considerar uma tradição incorporada.

Como exemplo da natureza ritual que as tradições incorporadas e inventadas adquirem, podemos citar o fato da bateria da Escola ainda começar seu desfile na sede da ESURD, zona rural de Várzea Alegre, e percorrer quatro quilômetros até chegar à zona urbana da cidade para, só então, encontrar-se com as demais alas da Escola de Samba, nas quais estão inclusas comissão de frente, velha guarda, porta-bandeira e mestre-sala, rainha da bateria, e outras alas temáticas dentre as quais estão as crianças, as baianas e os papa-angus. No primeiro ano, quando a ESURD ainda era um bloco de carnaval, ela saía do Roçado de Dentro com seus poucos instrumentos em direção à cidade. Daí, apesar da incorporação das outras alas, convencionou-se a continuidade da saída da bateria de sua sede como um ritual praticado todos os anos.

O pensamento social é essencialmente uma memória. Todo o seu conteúdo é feito de lembranças coletivas, mas só subsistem quando a sociedade, trabalhando sobre seus quadros atuais, pode reconstruí-la, a memória, então, existe no presente. As representações da memória são reconstituídas para a conservação dessa memória através da criação de centros materiais objetivando a preservação das imagens. A memória passa a ser a reconstrução do passado, adaptando os fatos e imagens antigas às crenças e às necessidades do presente, o conhecimento daquilo que era original é secundário, pois a realidade do passado não mais existe. (PORDEUS, 2003, p.12)

Percebe-se aqui a importância da manutenção da ritualização dos símbolos bem como a narração. No Roçado de Dentro, os principais fundadores da ESURD, Mestre Tim e Pedro Souza, tornaram-se os maiores ícones da Escola de Samba pela recriação e



transformações dos referenciais da cultura local. Hoje, embora as tradições anteriores permaneçam, é a Escola de Samba que simboliza a cultura do Roçado de Dentro. Stuart Hall (2003) cita Gramsci ao levantar um questionamento sobre como uma nova “vontade coletiva” surge e transforma uma cultura nacional-popular:

O que importa é a crítica à qual os primeiros representantes da nova fase histórica submetem esse complexo ideológico. A crítica possibilita um processo de diferenciação e mudança no peso relativo que os elementos das velhas ideologias possuíam. O que antes era secundário e subordinado, até acidental, é agora considerado primário – torna-se o núcleo de um novo complexo ideológico e teórico. A antiga vontade coletiva se dissolve em seus elementos contraditórios, já que os subordinados se desenvolvem socialmente. (STUART HALL, 2003, p. 244)

Esse desenvolvimento social no Roçado de Dentro fica claro quando a comunidade se classifica como “muito besta”² antes do surgimento do bloco. Essa classificação está relacionada à não modernidade. Há uma alusão aqui ao medo que as crianças e os mais velhos tinham das máscaras de carnaval na época. Tal situação é contraditória pela manifestação cultural dos “caretas”, no qual a própria comunidade – sem nenhum temor – se fantasiava com outros tipos de máscaras no período da Semana Santa. Com a modernização, os temores são modificados juntamente com a ideologia. Fica aí o cerne de uma nova “vontade coletiva”.

Considerações Finais

A criação de um bloco de carnaval de rua, em uma cidade em que só existia carnaval nos clubes, e a saída desse bloco durante dois dias de carnaval a partir de 1963 é, por si só, uma tradição incorporada. Assim como também o é a passagem desse bloco à escola de samba aos moldes das Escolas do Rio de Janeiro, incorporados e negociados através da indústria cultural. Das escolas cariocas, a ESURD assimilou a organização, sem existir, contudo, declínio das manifestações populares típicas dali. As zonas rurais e urbanas do município de Várzea Alegre viram no modelo de Escola de Samba as possibilidades de se expressarem e de recriarem códigos de costumes à medida que se reconheciam e construía uma visão ufanista sobre a nova tradição em um intercâmbio entre culturas hegemônicas e populares. É importante ressaltar aqui que consideramos simplista a relação de dominação vertical definida por uma cultura hegemônica a outra subalterna, colocando-as como influências acatadas pelas classes populares. A atualização do manifestar-se no Roçado de Dentro é vista como uma forma de reconstruir as

2. Tal expressão foi utilizada por um dos participantes da ESURD, Vicente Menezes, em entrevista sobre a mesma em fevereiro de 2009.



tradições voltadas para as necessidades do presente.

REFERÊNCIAS

- BARBERO, Jesús Martín. **Dos Meios às Mediações**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.
- CANCLINI, Nestor García. **Consumidores e Cidadãos**. Rio de Janeiro: editora UFRJ, 1995.
- CANCLINI, Nestor García. **Culturas Híbridas**. São Paulo: Edusp, 2008.
- MARREIRO, Flávia. Irreverência cearense: atualização e permanência.
In: CARVALHO, Gilmar de (org). **Bonito pra Chover**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2003. P. 185.
- PORDEUS, Ismael de Andrade. Cearensidade: atualização e permanência.
In: CARVALHO, Gilmar de (org). **Bonito pra Chover**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2003. P. 11.
- BORGES, Nilson. A Doutrina de Segurança Nacional e os Governos Militares.
In: FERREIRA, Jorge Luiz; DELGADO, Lucília de Almeida Nunes (org). **Brasil Republicano**. São Paulo: Editora Civilização Brasileira, 2003. Vol 4. P. 49)
- HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- PATERNOSTRO, Vera Íris. **O Texto na TV – Manual de Telejornalismo**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.
- PIRES, Sérgio. **Ispia Brasa, o Bloco que foi Escola**. Fortaleza: Equatorial Produções, 2004.